

O homem que tinha urgência de viver

Era outono e azul quando apresentei-me a Fernando Pessoa. Recostado num sofá de napa amarela, a tarde mergulhada no para-sempre de Cataguases, suas palavras grudaram, chicletes no cabelo. Advieram ânsia, febre, sede de estabelecer-me no mundo: tornamo-nos íntimos. Sucederam-se os dias, as paisagens, os rostos, e cresceu em mim a convicção de que, mais que poeta, convivia com um grande ficcionista. Tão original que, a criar personagens em romances, preferiu dotá-los de nome, biografia, autonomia, personalidade – e chamou-os “heterônimos”. Espreado em cada um deles, as contradições, as excentricidades, os inconfessáveis desejos. Mas, como nos pais já estão engendradas as marcas indeléveis do filho, para Pessoa confluem todas as nossas inquietudes.

Sempre imaginei como seria abordá-lo pela manhã, antes de, lavado o rosto, estabelecer-se à frente do espelho para escolher a máscara com que enfrentaria o mundo. Ouso dizer que *Quando fui outro* tem essa pretensão: espiar o homem em sua vida verdadeira, “que é a que sonhamos na infância, / E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa”. Pessoa desvestido de seus heterônimos. Insuflado por Isa Pessoa, que traz no próprio nome a sina, aceitei o desafio, e o que se desdobra daqui para frente é leitura pessoal, arriscada e perigosa, como é a vida. Os especialistas que autopsiaram-no em milhares de artigos, e os antologistas que recortaram-no em diversos temas, devem se indignar – mas esse é um livro para apaixonados e os apaixonados cegam-nos a beleza e é beleza que ofereço.

Dificuldade, se houve – e houve -, foi limitar-me a um número específico de textos, pois que tropeçamos a todo momento em versos, frases e imagens únicas espalhadas por mais de 25 mil originais em português, inglês e francês, escritos sob uma dezena de heterônimos, tratando assuntos os mais díspares, comércio e religião, maçonaria e astrologia, teoria literária e história, estética e gramática, filosofia e política. Profusão de interesses que denota a desesperada tentativa de compreender o homem em sua totalidade. Para dedicar-se a essa investigação, no entanto, Pessoa

teve que renunciar às “ficções sociais” – até mesmo à felicidade pessoal, como explica a Ophélia Queiroz, talvez a única mulher que tenha amado: “a minha vida gira em torno da minha obra literária – boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário”¹.

Reunindo poemas, fragmentos do “romance sem ação” *Livro do Desassossego*, ensaios e cartas, *Quando fui outro* ressalta a impressionante unidade temática da obra de Pessoa – este sentir-se “estrangeiro aqui como em toda parte” – e a absoluta simbiose entre vida e arte, resumida numa frase que é um completo programa estético: “Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real”.

Negando realidade às aparências, Pessoa nos convida a assumir a plenitude humana, que é enxergar para além, que é olhar dentro de nós mesmos. Humildemente, aceitemos o convite.

Luiz Ruffato

¹ Pessoa conheceu Ophélia Queiroz em fevereiro de 1920. Em 1º de março iniciam uma troca de correspondência e o namoro. Em outubro, o poeta atravessa uma grave crise psíquica, pensando mesmo em internar-se, até que em 29 de novembro rompe com Ophélia. Nove anos depois, ela escreve a Pessoa agradecendo a foto que o poeta lhe enviara, a seu pedido. Em 11 de setembro de 1929, ele responde e retoma a relação com Ophélia, rompida novamente, e em definitivo, em janeiro de 1930. Em junho de 1935 ela recebe o último telegrama de Pessoa e mais à frente um exemplar autografado de *Mensagem*. Em 1938, casou-se com o teatrólogo Augusto Soares, morrendo em 1991, aos 91 anos. No total, foram 51 cartas destinadas a Ophélia: 36 entre 1º de março e 29 de novembro de 1920; 12 entre 11 de setembro de 1929 e 11 de janeiro de 1930; e três sem data.